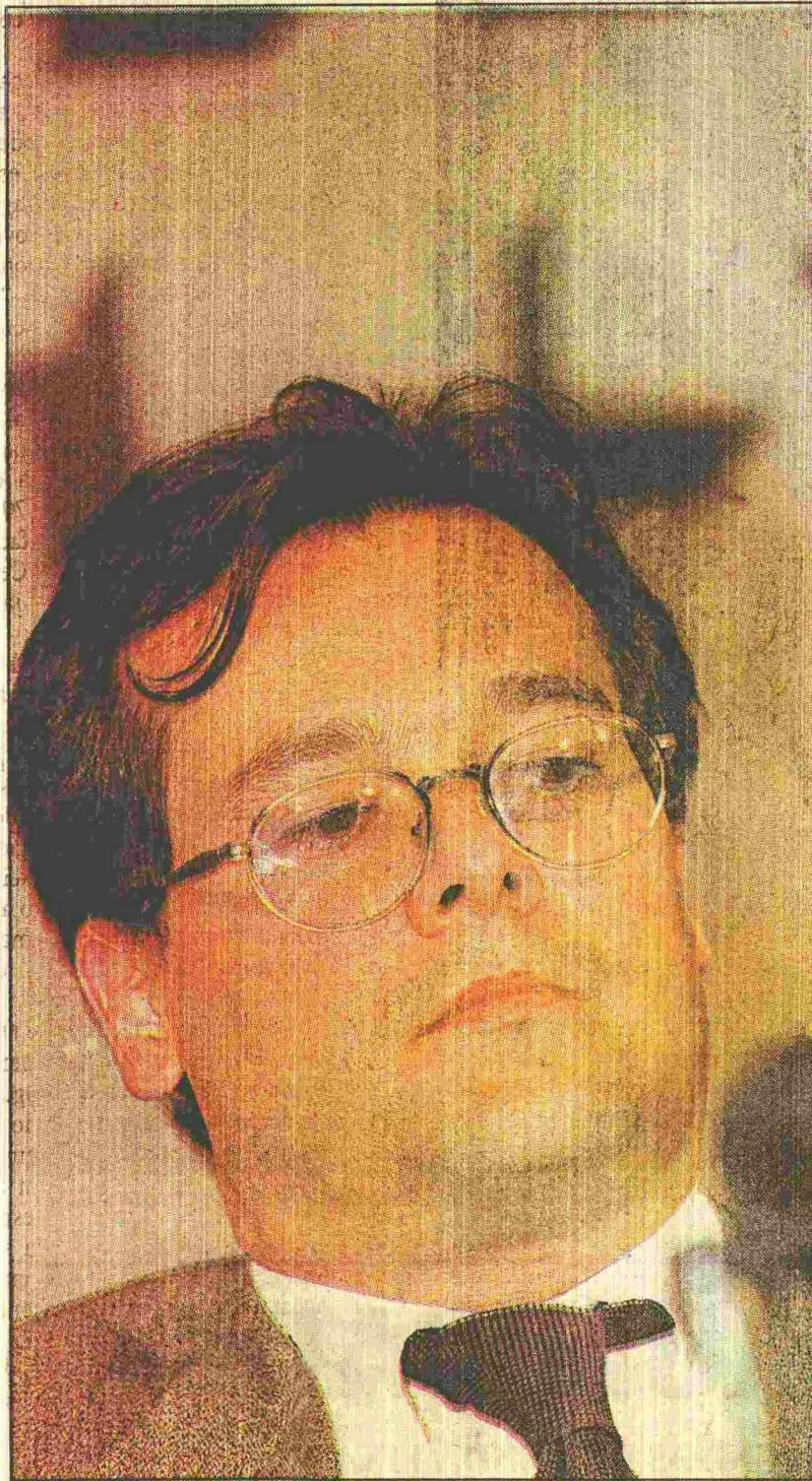


# Economia

**A CRISE SEM FRONTEIRAS** Decisão do Banco Central de aumentar os juros começará a ser sentida pelo brasileiro a partir de amanhã

## O furacão financeiro que veio da Ásia

Brasília - Josemar Gonçalves - 28/10/97



O brasileiro começa amanhã a sentir no bolso o efeito das medidas adotadas pelo governo na última quinta-feira, dobrando os juros básicos da economia. Comércio, bancos e financeiras passaram o fim de semana fazendo contas e contas para garantir, ainda que em menor escala, as vendas de Natal e Ano Novo, atropeladas que foram pelo furacão que saiu de Hong Kong, na Ásia, derrubando os mercados financeiros internacionais.

Ninguém quer ter prejuízo - o comércio está abarrotado de produtos -, mas nem bancos, financeiras e administradoras de cartões de crédito querem correr mais risco. A inadimplência que surgiu depois de o governo adotar medida semelhante no início de 1994, por conta da crise mexicana, deixou uma marca vermelha nos balanços.

Mas também ninguém quer perder o que comprou, apostando num Natal gordo, e precisa mais do que nunca de dinheiro, pois nos bancos as taxas, que já eram estratosféricas, prometem ficar ainda mais altas. Para o consumidor, o conselho do colunista do JB Luís Carlos Ewald, professor de Matemática Financeira da PUC-Rio, é comprar à vista. Nada de comprar a prazo porque sairá muito caro.

O *El Niño financeiro*, que começou a ganhar fôlego em agosto, na Tailândia, percorreu Malásia, Filipinas, Indonésia, chegou a Hong Kong na quinta-feira, dia 23, e de lá saiu pelo mundo atacando bolsas de valores e moedas atreladas ao dólar, como o real. Para defender a moeda brasileira do ataque especulativo de investidores internacionais, um constrangido presidente do Banco Central (BC) anunciou a alta dos juros.

"Isso dói, mas demos o remédio que a situação requer", prescrevia na quinta-feira Gustavo Henrique de Barroso Franco, 41 anos, 1,64 metro de altura. A decisão do governo, segundo economistas e empresários, foi firme e absolutamente dentro das cartilhas da ortodoxia econômica. Ou seja, quando a moeda de um país sofre ataques porque investidores estrangeiros estão fugindo, é preciso atraí-los com o que mais gostam: dinheiro.

Cerca de US\$ 8 bilhões de reservas cambiais foram queimadas na última quarta-feira, mas não

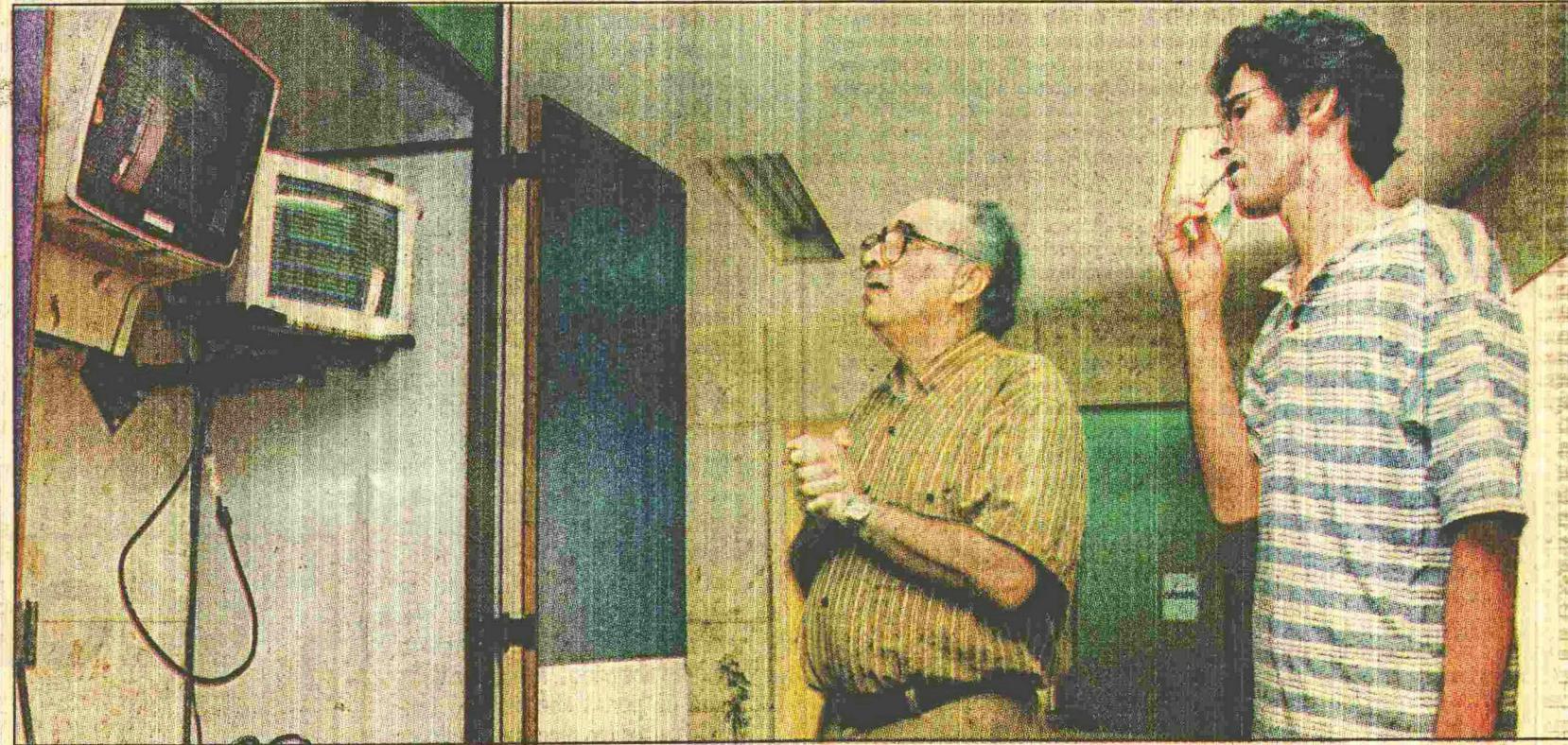
contiveram a fome dos capitais especulativos, e a alternativa foi elevar os juros. O custo foi dividido com a sociedade. Só que o sabor desse remédio, por isso ele dói, é a desaleração da economia. E, pior, o crescimento da dívida pública e, se a taxa for mantida por muito tempo, desemprego.

Nas próximas páginas, a análise de economistas e empresários. Um debate especial promovido pelo JB reuniu dois respeitados economistas, os ex-diretores do BC José Júlio Senna e Carlos Thadeu de Freitas.

Outras medidas que foram tomadas no rastro desse movimento deixou o mundo de pernas para o ar, como a decisão da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) de interromper os pregões quando as ações caem e põem em risco o mercado financeiro.

Para quem vinha ganhando nas bolsas, o momento também é de contas. Em Wall Street, a contabilidade dos analistas já apontou dois perdedores de peso: Bill Microsoft Gates (US\$ 1,6 bilhão) e George Soros (US\$ 2 bilhões).

André Arruda - 29/10/97



Gustavo Franco, presidente do Banco Central: "Dói, mas nós demos o remédio que a situação requer". As medidas fizeram os pequenos investidores correrem atrás das melhores opções em tempos de juros altos